



Municípios veem nas escolas forma de ter mão de obra qualificada e recursos para se desenvolver

Fórmula atraente

MARTA VIEIRA E MARINELLA CASTRO
Enviadas especiais

Ouro Preto, Viçosa, Lavras e São João del-Rei – A corrida dos municípios atrás dos empregos mais qualificados de nível superior e dos investimentos que buscam a parceria das universidades e dos seus centros de pesquisa reserva dias de celebridade aos reitores das instituições de ensino mais prestigiadas de Minas. Três Marias, na Região Central do estado, estendeu faixas de boas-vindas pelas ruas e reuniu representantes da comunidade para receber o reitor da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Marcone Jamilson Freitas Souza, com o pedido de instalação de um câmpus local.

A recepção foi surpreendente, conta o reitor, como outros encontros com o mesmo objetivo na vizinha Cachoeira do Campo; em Ipatinga, no Vale do Aço; São Gonçalo do Rio Abaixo, também localizada na Região Central de Minas; e Caldas, no Sul. “É incrível a mobilização que se faz por um câmpus. As reuniões se transformam em verdadeiras audiências públicas”, compara. Na tradicional e octogenária Universidade Federal de Viçosa (UFV), a reitora Nilde de Fátima Ferreira Soares não tem como atender todas as propostas para criar braços da instituição. As mais recentes envolvem municípios do Norte de Mi-

nas e da Zona da Mata, entre eles Ponte Nova, Ubá, Araponga, Canaã e Paula Cândido.

“Os prefeitos percebem que ao dar oportunidade de capacitação aos moradores a tendência será de crescimento. Educar continua sendo o melhor caminho para o desenvolvimento, e agora, a interiorização dele”, afirma Nilda Soares. A reitora da Universidade Federal de São João del-Rei, Valéria Heloísa Kemp, conta que nos últimos anos a universidade abriu câmpus em cidades como Divinópolis, Ouro Branco/Congonhas e Sete Lagoas, contratando mão de obra, sendo que grande parte do quadro de doutores e pós-doutores vem de outras cidades.

Da mesma forma que os braços das universidades se estendem, também atraem alunos dispostos a ir atrás dessas instituições, se preciso percorrendo longas distâncias. A nutricionista capixaba Ticiania Vazzoler Ambrosin, de 27 anos, formou-se na Ufop, a cerca de 400 quilômetros de casa, em Venda Nova do Imigrante, no litoral do Espírito Santo, e decidiu retornar em 2012 para fazer o mestrado. O doutorado está por ser decidido entre a cidade histórica e BH.

As transformações que Ticiania viu entre a formatura, dois anos antes, e o seu regresso impressionaram, principalmente os custos com moradia. “Durante quatro anos e meio morei



JUAREZ RODRIGUES/EM/D.A PRESS

A nutricionista Ticiania Vazzoler retorna a Ouro Preto para mestrado e se espanta com os preços

em uma quitinete de 16 metros quadrados, alugada por R\$ 350, e hoje o mesmo imóvel está disponível por R\$ 700”, afirma. Estudioso da educação há mais de 20 anos, o pesquisador Jorge Abrahão, diretor da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, afirma que há um anseio muito forte por educação em todas as classes sociais e no país, como mola propulsora do crescimento e da queda da desi-

gualdade. Estimativa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indica que a educação recebe cerca de 5% do Produto Interno Bruto (PIB), que no ano passado foi de R\$ 4,84 trilhões. Impacto substancial, a cada R\$ 1 gasto pelo governo em educação pública a renda das famílias aumenta R\$ 1,67 e o PIB cresce R\$ 1,85.

VEJA AMANHÃ
O CUSTO DE ESTUDAR FORA

QUER INVESTIR?

Hoje, no Lugar Certo, milhares de imóveis residenciais e comerciais com excelentes oportunidades para investir. Confira! Todo dia, uma boa oportunidade pode aparecer.

Já deu uma **Olhadinha hoje?**



BRASIL S/A



ANTÔNIO MACHADO

>>E-mail para esta coluna: machado@cidadebiz.com.br

Acertando o passo

Se, conforme a tradição, o ano oficial começa para valer depois do carnaval, com o calendário espremido pela Copa do Mundo e as eleições, é melhor ao governo não perder tempo, especialmente no trato do que funcionou mal ou não muito bem na economia nos últimos três anos. E isso independentemente do resultado da corrida presidencial.

A questão mal parada é o divórcio de expectativas entre a massa do eleitorado, sobretudo do piso da pirâmide de renda, satisfeita com o nível de bem-estar, e o empresariado, cada vez mais aflito com os descompasso criados por um regime fiscal em que o gasto público se sobrepõe à arrecadação tributária ano após ano, o parafiscal está esgarçado (depois da transferência do equivalente a 6,7% do PIB ao BNDES desde 2008) e déficit em conta-corrente da ordem de 3,7% do PIB em meio a viés de menor liquidez no mundo e juros maiores.

A constatação é que o governo não tem muito mais a ceder por meio de transferências de renda, de abonos de impostos e subsídios, até pela indisposição do mercado financeiro em bancar o giro da dívida pública. Ou a fazê-lo só à custa de juros e prazos inconciliáveis com uma trajetória fiscal prudente, razão, mesmo, de o governo ter contingenciado R\$ 44 bilhões de gasto fiscal para cumprir a meta a que se impôs de superávit primário de 1,9% do PIB (sendo 1,55% do PIB de responsabilidade direta do orçamento federal) este ano.

Esse jogo de contas, metas e dinheiro orienta a taxa de retorno das atividades empresariais e origina com alguma precisão o cenário de curto e médio prazo. Mas não há confiança quanto a tais vieses, agravados pelo conflito de percepções entre o social e o capital.

A urgência que já passa da hora é a retomada das relações entre um governo cuja presidente não aprecia a prosa e a troca de ideias e o empresariado, inclusive o estrangeiro, que controla a maior parte da indústria de transformação. O governo se aproximou do investidor e das agências de rating, visando evitar tumultos no mercado. Mas é insuficiente, se se tem em vista o enlace entre o interesse social e o desenvolvimento – ambos função do investimento empresarial em produção e infraestrutura, que deve ser contínuo e não esporádico.

Eleitor satisfeito com o bem-estar e empresário aflito com o futuro revelam caminhos sem bússola

Se se tem em vista o enlace entre o interesse social e o desenvolvimento – ambos função do investimento empresarial em produção e infraestrutura, que deve ser contínuo e não esporádico.

Ganhar sem conquistar

Sem tal harmonização, pode-se ter o que alguns analistas e mesmo o núcleo pensante do PT receiam: a reeleição da presidente num clima de refluxo das expectativas no meio empresarial. É algo provável à luz do que dizem as sondagens de voto e os resultados da economia.

A parcela do eleitorado sob a proteção das transferências de renda é imune, na condição atual, à conjuntura, pois supridas por fundos fiscais. O assalariado também não tem do que reclamar, beneficiado pelo mercado de trabalho estruturalmente apertado, devido à redução do crescimento demográfico e à escassez de mão de obra treinada.

As portas se estreitam

Tais condições, expressas pela taxa de desemprego muito baixa, de 5,5%, são custeadas pelos impostos recolhidos e salários pagos num quadro de alta contínua da carga tributária desde o Plano Real, em 1994, circundado por gastos empresariais, sobretudo investimentos, em que mais da metade do *fundring* é bancada pela retenção de lucros.

Assim é pelo custo proibitivo e prazo exíguo dos empréstimos fora do BNDES e pelo cerceamento do mercado de capitais pela dívida pública gerida pelo Tesouro, causa também dos juros elevados. Razão dos déficits em conta-corrente, a captação externa complementava o *fundring* de longo prazo, mas a normalização da liquidez nos EUA deve comprometer esse canal. As portas do investimento se estreitam.

É preciso querer ouvir

Quais os motores do crescimento diante desses obstáculos? É o que põe o empresariado na contramão das expectativas de crescimento. O aumento constante do gasto público é o não caminho sem crescimento mais forte, tal como, sem a China passando o rodo nas commodities, dificilmente serão sustentáveis os déficits em conta-corrente, boa parte devido ao consumo vazado para importações. Como resolver?

O governo enfatiza a depreciação cambial, que tira poder de compra dos salários de modo mais difuso que o caminho clássico do corte de gasto fiscal e arrocho monetário, conforme a agenda de economistas que são próximos ou dizem ser dos candidatos de oposição a Dilma.

Mais difícil, porque trabalhoso, mas menos defensivo que o recurso à moeda fraca ou à recessão branda é gerir o orçamento para que o gasto social cresça menos que o PIB (sem que pare de crescer), com um programa de produtividade de políticas públicas que fixe padrões mínimos de eficiência, além de sanções contra gestores acomodados.

Se os políticos não sabem fazer de outra forma, não tem jeito. É pena, pois basta pouco: um plano de consistência macroeconômica e diálogo. O empresariado quer falar. Precisa o governo querer ouvir.

THOR O MUNDO SOMBRIO

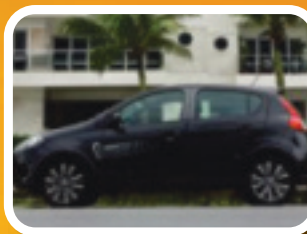
AUMENTE SUA COLEÇÃO DE HERÓIS.

JÁ EM DVD, Blu-ray Disc e Blu-ray 3D. E FORMATO DIGITAL.

SÓ QUEM ANUNCIA NO VRUM ESTADO DE MINAS PODE GANHAR UM ANÚNCIO COMO ESTE.

OFERTAS DA SEMANA:

FIAT PALIO SPORTING DUALOGIC 1.6 FLEX 16V 4P 2013
R\$ 38.000,00
(31) 9227-2006



VOLKSWAGEN FOX 1.6 MI. TOTAL FLEX 8V 4P 2013
R\$ 37.500,00
(31) 7522-5909



O VRUM é o único portal que veicula seu anúncio muito além da internet.

Até a nossa propaganda faz propaganda para o seu carro.

VRUM.COM.BR (31) 3228-2000



CLAS SIFCA DO S ESTADO DE MINAS
Vende mais porque todo mundo vê.

Promoção válida para MG durante o período de veiculação da campanha. Consulte as condições em vender.vrum.com.br/promocao